

TEATRO DE BONECOS E ACESSIBILIDADE NAS AULAS DE ARTE

Jailson Araujo Carvalho¹

Resumo: Refletir sobre a acessibilidade na educação básica exige atenção da comunidade escolar. A oferta acessível do conhecimento é um direito de todos. Porém, não são todas as pessoas com deficiência que conseguem acesso às experiências educativas com significação. Por isso, faz-se importante refletir sobre a acessibilidade nas aulas de Arte para estudantes com deficiência a partir da utilização do Teatro de Bonecos como possibilidade metodológica. Sendo um estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Arte e Educação Contemporânea da Universidade Federal do Tocantins, a presente pesquisa teve por objetivo analisar a utilização do Teatro de Bonecos para a acessibilidade do ensino das Artes para pessoas com deficiência no Ensino Fundamental. Como objetivos específicos, têm-se: refletir sobre a acessibilidade na escola e analisar a acessibilidade dentro do ensino da Arte com a utilização do Teatro de Bonecos. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, com abordagem qualitativa e análise bibliográfica de artigos, dissertações e teses. O desenvolvimento se deu no Centro de Ensino Fundamental 101, situado na Região Administrativa Recanto das Emas, Distrito Federal, Brasil, com estudantes do 6º ao 9º ano que apresentavam alguma deficiência. Como resultado, percebeu-se que a utilização do Teatro de Bonecos possibilitou aos estudantes com deficiência maior envolvimento nas aulas de Arte.

Palavras-chave: Acessibilidade. Teatro de Bonecos. Pedagogia do Teatro. Pessoa com Deficiência.

TEATRO DE TÍTERES Y ACCESIBILIDAD EN LAS CLASES DE ARTE

Resumen: Reflexionar sobre la accesibilidad en la educación básica requiere la atención de la comunidad escolar. La oferta accesible de conocimiento es un derecho de todos. Sin embargo, no todas las personas con discapacidad obtienen acceso a experiencias educativas significativas. Mientras tanto, es importante reflexionar sobre la accesibilidad en las clases de Arte para estudiantes con discapacidad a partir del uso del Teatro de Títeres con posibilidad metodológica. Como estudio desarrollado en el Programa de Posgrado en Arte Contemporáneo y Educación de la Universidad Federal de Tocantins, la presente investigación tuvo como objetivo analizar el uso del Teatro de Títeres para la accesibilidad de la enseñanza de las Artes para personas con discapacidad

¹ Doutorando em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, Mestre em Artes pela Universidade de Brasília, graduado em Licenciatura Plena em Artes Cênicas (FADM) e em Bacharelado em Interpretação Teatral (FADM). Especialista em Educação em Direitos Humanos (UFPR), Mídias na Educação (UFOP), Planejamento Implementação e Gestão da Educação a Distância (UFF), Ensino de Artes: técnicas e procedimentos (UCAM). Atualmente é professor de Artes Cênicas na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro, Teatro de Formas Animadas, Educação e Tecnologia. Email: jailson.carvalho@edu.se.df.gov.br

en la Enseñanza Fundamental. Los objetivos específicos son: reflexionar sobre la accesibilidad en la escuela y analizar la accesibilidad dentro de la enseñanza del Arte con el uso del Teatro de Títeres. La metodología utilizada fue el estudio de caso, con enfoque cualitativo y análisis bibliográfico de artículos, disertaciones y tesis. El desarrollo se llevó a cabo en el Centro de Ensino Fundamental 101, ubicado en la Región Administrativa Recanto das Emas, Distrito Federal, Brasil, con alumnos de 6º a 9º grado, que presentaban alguna discapacidad. Como resultado, se percibió que el uso del Teatro de Títeres permitió que los estudiantes con discapacidad se involucraran más en las clases de Arte.

Palabras clave: Accesibilidad; Teatro de títeres; Pedagogía Teatral; Persona con discapacidad.

Para todos

Desde 2012 sou professor da educação básica, atuando em várias classes denominadas turmas inclusivas. Assim que fui aprovado no concurso público para professor de Arte, na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), me deparei com estudantes que apresentavam alguma deficiência. Minha primeira reação foi a de incapacidade, uma vez que não me sentia habilitado em ajudar alguém nessas condições a percorrer um caminho de aprendizagem, sobretudo, com as linguagens artísticas.

O tempo passou, o quantitativo de estudantes com deficiência aumentou a cada ano letivo, e, em cada período, novas tentativas e experimentações foram surgindo. A ideia que permeava minha mente era a de buscar caminhos e possibilidades para deixar as aulas de Arte acessíveis àqueles que ali se encontravam.

Sou graduado em Artes Cênicas, mas como professor de Arte no Ensino Fundamental preciso percorrer as quatro linguagens artísticas contempladas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas diretrizes do Currículo em Movimento – documento da SEEDF. Nesse sentido, o que busco desenvolver sobre qualquer habilidade, competência ou conteúdo apontado na BNCC ou no Currículo em Movimento é vincular minha aula com alguma experimentação cênica.

Após diversas tentativas, cheguei ao Teatro de Bonecos e sua vasta possibilidade como caminho para a acessibilidade dentro da aula de Arte. De fato, o boneco, por si só, já desperta e amplia a imaginação criativa. Tal experimentação, aliada ao processo de confecção do boneco, é muito mais enriquecedora para que a aprendizagem se dê de modo acessível a todos os estudantes da turma. Nesse processo, é importante pensar em alguns aspectos, tais como: coordenação motora, motricidade fina e atenção em cada detalhe – aspectos diretamente ligados à pessoa com deficiência e seu posicionamento na aula de Arte. O Teatro de Bonecos proporciona um espaço de liberdade para que a experiência da Arte ocorra sem distinção ou rótulo, independente de potencialidades ou fragilidades.

Diante do exposto, após um período de análises e reflexões no Programa de Pós-Graduação em Arte e Educação Contemporânea, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), surgiu a presente pesquisa, baseada no seguinte questionamento: como o Teatro de Bonecos pode ser utilizado para fins de acessibilidade no ensino de Arte para pessoas com deficiência?

A partir daí, elencaram-se o objetivo geral – analisar a utilização do Teatro de Bonecos para acessibilidade no ensino da Arte para pessoas com deficiência no Ensino Fundamental – e os específicos – refletir sobre a acessibilidade na escola e analisar a acessibilidade dentro do ensino da Arte com a utilização do Teatro de Bonecos.

O presente estudo se deu entre os meses de agosto e dezembro de 2021 no Centro de Ensino Fundamental 101 (CEF 101), situado na Região Administrativa Recanto das Emas (RA XV), Distrito Federal, Brasil, com a participação de 26 estudantes do 6º ao 9º ano com as mais diversas especificidades. Tal unidade escolar possui estudantes com Deficiência Física, Deficiências Múltiplas, Deficiência Intelectual, Deficiência Auditiva e Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A metodologia utilizada foi de estudo de caso com abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos utilizados foram aulas de confecção de bonecos, experimentações com Teatro de Bonecos, leitura e análise de artigos, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado.

A importância das linhas que se seguem tem sua justificativa no caráter pedagógico existente. Ou seja, tem-se observado as manobras do Governo Federal em

retirar os estudantes com deficiência das escolas regulares e inclusivas, redirecionando-os para as escolas de ensino especial. Tal ação se mostra, de fato, importante para algumas pessoas, sobretudo, quando o grau de comprometimento é muito elevado. Porém, os estudantes que apresentam algum grau de comprometimento físico e intelectual – apontado por laudo médico – podem obter avanços nas aprendizagens e no processo de socialização em turma inclusiva.

Para melhor compreensão, a presente pesquisa foi dividida em quatro momentos distintos, quais sejam: 1) A introdução, “Para todos”, onde se têm as motivações, os objetivos gerais e específicos, a metodologia e a justificativa da pesquisa; 2) A “Acessibilidade na escola”, onde se discorre uma breve contextualização sobre o conceito de acessibilidade e como se dá sua aplicação na escola; 3) O “Teatro de bonecos e acessibilidade”, que tratou do Teatro de Bonecos, sua aplicação na escola, sua possibilidade de utilização como caminho para a acessibilidade, além da apresentação de uma breve reflexão sobre a experimentação com o Teatro de Bonecos na aula de Arte com pessoas com deficiência; e, 4) As considerações finais sobre a pesquisa.

Acessibilidade na escola

Figura 1 – Confeção de bonecos de figuras em aula com estudantes do Centro de Ensino Fundamental101 do Recanto das Emas, outubro de 2021 – autoria própria.



Descrição: a imagem apresenta um fundo de cor cinza, estando à frente, em posição central, três bonecos de figura presos a palitos de picolés: à esquerda, uma cenoura de cor laranja com folhas verdes; ao centro, um porquinho de cor rosa claro; e, à direita, uma grama verde. Já no canto superior esquerdo tem-se um desenho do sol amarelo e, no canto superior direito, tem-se um arco-íris nas cores azul, amarelo e vermelho. Por fim, na parte inferior, têm-se 22 lápis com cores diferentes, um ao lado do outro, sendo que, acima destes, têm-se duas flores rosa claro e duas borboletas da mesma cor.

Às segundas-feiras, às 7h30m, quando ingresso na sala de aula de Arte recebo um “bom dia, professor” acompanhado de um sorriso contagiante. Aquele que me cumprimenta todas as segundas-feiras, no primeiro horário, referido anteriormente, é uma estudante com deficiência. Ela se sente à vontade na escola para estudar dentro de sua limitação, aproveitando o máximo que pode.

A Figura 1, apresentada anteriormente, aponta como a escola pode se valer de diversos olhares para que a acessibilidade nas aulas ocorra amplamente em favor dos estudantes. A simples confecção de bonecos de figura oportuniza muito mais do que as pessoas conseguem imaginar. Tal ação, além de tornar o conhecimento acessível, amplia o processo criativo dos estudantes.

É importante destacar que o ser humano, independente da apresentação de deficiência ou não, aprende dentro de certa limitação. Tal fato se dá porque o processo de aprendizagem é individual, e cada ser humano necessita vencer suas barreiras pessoais para chegar nos seus objetivos. Sobre a questão, Carvalho, Durand e Melo (2016) discorrem sobre a importância que cada pessoa tem no desenvolvimento de uma escola que pensa em todos. Nesse sentido, o ponto inicial é entender:

[...] o papel de cada um de nós no desenvolvimento de um sistema educacional inclusivo, concebendo a acessibilidade como um direito de todos, condição indispensável para uma educação de qualidade. Precisamos reconhecer o direito à acessibilidade na escola enquanto necessidade de ampliação de serviços de qualidade, capazes de atender às necessidades específicas das pessoas com deficiência sem mascarar as limitações apresentadas (CARVALHO; DURAND; MELO, 2016, p. 62).

As autoras ainda destacam a importância de não mascarar as limitações dos estudantes, sendo necessário buscar caminhos para que cada um deles consiga trilhar seu caminho em busca de uma aprendizagem significativa à sua vida. Nesse sentido, a escola necessita de ações e políticas públicas educacionais que priorizem a oferta humanizada de espaços e atividades em que todos se sintam confortáveis para participar.

Diferente do pensamento da maioria das pessoas, o que une o ser humano é a diferença, não a igualdade. Cada ser humano é único, com suas estruturas ósseas, musculares, genéticas, psicológicas e emocionais próprias. E a escola é um lugar onde a diferença existe em sua totalidade.

Para que cada espaço escolar consiga ofertar uma educação acessível a todos, Sasaki (2005, p. 23) elenca a acessibilidade em seis dimensões, quais sejam:

Acessibilidade arquitetônica, sem barreiras ambientais físicas em todos os recintos internos e externos da escola e nos transportes coletivos.

Acessibilidade comunicacional, sem barreiras na comunicação interpessoal (face-a-face, língua de sinais, linguagem corporal, linguagem gestual etc.), na comunicação escrita (jornal, revista, livro, carta, apostila etc., incluindo textos em braile, textos com letras ampliadas para quem tem baixa visão, notebook e outras tecnologias assistivas para comunicar) e na comunicação virtual (acessibilidade digital).

Acessibilidade metodológica, sem barreiras nos métodos e técnicas de estudo (adaptações curriculares, aulas baseadas nas inteligências múltiplas, uso de todos os estilos de aprendizagem, participação do todo de cada aluno, novo conceito de avaliação de aprendizagem, novo conceito de educação, novo conceito de logística didática etc), de ação comunitária (metodologia social, cultural, artística etc. baseada em participação ativa) e de educação dos filhos (novos métodos e técnicas nas relações familiares etc).

Acessibilidade instrumental, sem barreiras nos instrumentos e utensílios de estudo (lápiz, caneta, transferidor, régua, teclado de computador, materiais pedagógicos), de atividades da vida diária (tecnologia assistiva para comunicar, fazer a higiene pessoal, vestir, comer, andar, tomar banho etc) e de lazer, esporte e recreação (dispositivos que atendam às limitações sensoriais, físicas e mentais, etc).

Acessibilidade programática, sem barreiras invisíveis embutidas em políticas públicas (leis, decretos, portarias, resoluções, medidas provisórias etc), em regulamentos (institucionais, escolares, empresariais, comunitários etc) e em normas de um geral.

Acessibilidade atitudinal, por meio de programas e práticas de sensibilização e de conscientização das pessoas em geral e da convivência na diversidade humana resultando em quebra de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações.

Tais dimensões podem levar a escola a um outro patamar para as pessoas com deficiência. O primeiro passo, então, é pensar em cada uma das dimensões e suas aplicações na escola, em observância à realidade local. Além disso, faz-se necessária uma discussão entre corpo docente, corpo discente e comunidade escolar para que o processo de acessibilidade alcance todos os estudantes.

De fato, algumas questões não dependem diretamente da gestão, sobretudo, quando a temática se entrelaça com a escola pública. Nesse sentido, algumas verbas são destinadas e utilizadas somente para determinadas finalidades. As reformas estruturais de um espaço escolar, por exemplo, dependem das Secretarias de Educação – o que pode ser um empecilho para a primeira dimensão de Sasaki (2005): a arquitetônica. Mesmo assim, a escola precisa entender e preparar os espaços para se tornarem acessíveis a todos, em observância à *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva* (BRASIL, 2008).

[...] organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender às necessidades educacionais de todos os alunos. A acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação – incluindo instalações, equipamentos e mobiliários – e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações (BRASIL, 2008, p. 12).

Mesmo com a legislação vigente apontando para tal perspectiva, é difícil para várias escolas proporcionar a mudança arquitetônica desejada com tanta rapidez. Porém, as outras cinco dimensões de Sasaki (2005) – comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal – podem ser pensadas e aplicadas em qualquer

escola. Isso depende diretamente do corpo docente e da disponibilidade em repensar o trabalho desenvolvido ou a ausência do desenvolvimento deste.

A escola é um espaço na vida humana em que todos deveriam por ali passar. Mesmo com os altos índices de evasão escolar, o ambiente em questão poderia proporcionar experiências de aprendizado, vivências culturais e reflexões sociais nas mais diversas esferas do conhecimento. Deveria, sobretudo, ofertar todas essas experiências nos vieses mais acessíveis possíveis, para que ninguém se sentisse excluído.

A acessibilidade escolar é um assunto que ultrapassa a implementação das Salas de Recursos Multifuncionais – espaços que atendem aos estudantes em turnos contrários, oferecendo outro olhar sobre a educação. A acessibilidade, em realidade, deve ocorrer na sala de aula regular, inclusiva. E um espaço possível para a concretização de tal ação, com significação, é a sala da aula de Arte. Ali, a partir de um planejamento acessível elaborado pelo docente – que pensa em uma sala de aula acessível a todos –, o estudante com deficiência pode estimular sua inteligência, seu processo criativo, seu olhar para o mundo. E isso acontece independentemente do nível de comprometimento da deficiência.

Além disso, esse percurso busca ofertar uma aprendizagem que tenha real significação a partir de algo divertido. A compreensão sobre isso é exemplificada em Caldas, Holzer e Popi (2017, p. 161) quando afirmam que a função da arte “está relacionada à expressão, ao modo de ver o mundo, à possibilidade de dar forma e colorido à imaginação, desenvolver o saber estético e artístico dos alunos”, se apropriando, com isso, dos conteúdos que terão significados para as realidades de quem mais necessita.

Outro ponto importante sobre a aula de Arte é a experiência e ampliação do processo criativo dos estudantes. Cada ser humano cria, do seu ponto de vista, o que é necessário compreender e refletir na escola, sendo necessária alguma reflexão sobre como a escola enxerga seus estudantes com deficiência. O grau de comprometimento físico e/ou cognitivo para com estes últimos poderá implicar no nível de experimentação de cada estudante; porém, a escola não pode limitar o acesso às vivências rotineiras, mesmo em observância à limitação apresentada pela deficiência. Pelo contrário, a

escola necessita oportunizar momentos em que o estudante com deficiência possa desenvolver suas potencialidades e experimentar outros caminhos.

Nesse sentido, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* enfatizam que:

Ensinar a arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. E tudo isso integrado aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística (BRASIL, 2001, p. 47).

Por mais que diversos docentes acreditem que sabem até onde cada estudante com deficiência consegue chegar, limitar seu acesso ao conhecimento e às vivências em que ele consegue participar, com base em suas limitações, é ir no sentido contrário ao que documento mencionado orienta. A deficiência em si não pode ser o ponto limitador para a oferta da experiência. Ela pode ser um norte, bem como é para qualquer outro estudante sem deficiência. Sobre a questão, Pinheiro e Marques (2021, p. 128) afirmam que o tratamento dos vieses de limitação não se resume apenas

[...] a adaptar espaços físicos colocando rampas para cadeirantes, piso tátil para pessoas cegas ou com baixa visão, mas sim construir metodologias com e sem as tecnologias assistivas para que a pessoa com deficiência tenha possibilidade de experimentar e fruir as artes (filme, música, dança, teatro, pintura etc.) no sentido de se informar sobre isso, além de poder transcender para a construção de outras memórias, gostos, posicionamentos críticos sobre algo com autonomia.

Logo, a acessibilidade que a aula de Arte pode ofertar não se resume à visualização da linguagem artística, mas leva em conta a experimentação real do que cada linguagem pode proporcionar. Por exemplo, na aula de Teatro, o estudante com deficiência pode passar por momentos em que a música, a dança, as artes visuais e o cinema estejam presentes ao mesmo tempo. As autoras, então, aconselham que “acessibilizar é se afetar para acolher e sensibilizar” (PINHEIRO, MARQUES, 2021, p. 136).

O corpo docente deve olhar para além da deficiência que o estudante carrega consigo. Antes dela, existe um ser humano apto a receber o que a escola tem a oferecer. E a Arte pode proporcionar experiências diversas que extrapolam a linguagem artística. Como exemplo tem-se a confecção de um boneco de luva, conforme evidenciado na Figura 2, a seguir. Tal processo aprimora a psicomotricidade do estudante, sua motricidade fina, seu processo criativo e o trabalho manual, que pode ser um desafio, dependendo da deficiência existente no indivíduo.

As experiências práticas e sensoriais vivenciadas pelos estudantes com deficiência podem ser entendidas pelos mesmos como um elo com o restante da turma. Aqui, o sentimento de pertencimento pode ser maior do que o de exclusão, ao passo que a ideia de acessibilidade deixa de ser algo apenas teorizado, passando a ser algo real, com experiências reais e que pode tocar cada estudante de modo particular, dependendo da sua deficiência.

A Figura 2, a seguir, apresenta os bonecos de luva confeccionados por alguns estudantes com deficiência durante as aulas de Arte ministradas no CEF 101 em 2021. O processo de criação, confecção e acabamento de cada boneco proporcionou àqueles discentes uma vivência real sobre o Teatro de Bonecos.

Figura 2 – Confeção de bonecos de luva em aula com estudantes do Centro de Ensino Fundamental101 do Recanto da Emas, novembro de 2021 – autoria própria.



Descrição: a imagem apresenta um fundo de cor cinza. No centro têm-se cinco bonecos de luva confeccionados com tecido, que representam a história da Chapeuzinho Vermelho com os personagens Lobo Mau, Chapeuzinho Vermelho, Mãe e Avó da Chapeuzinho vermelho e a Avó do Lobo Mau. No canto superior esquerdo tem-se um desenho do sol amarelo. No canto superior direito tem-se um arco-íris nas cores azul, amarelo e vermelho. Na parte inferior têm-se 22 lápis com cores diferentes, um ao lado do outro. Acima dos lápis têm-se duas flores rosa claro e duas borboletas da mesma cor.

Teatro de Bonecos e acessibilidade

Figura 3 – Confeção de bonecos de dedo em aula com estudantes do Centro de Ensino Fundamental101 do Recanto das Emas, agosto de 2021 – autoria própria.



Descrição: a imagem apresenta um fundo de cor cinza. No centro têm-se dois bonecos de dedo, sendo que o boneco da direita está pintado de cor azul com os olhos pretos e o boneco da esquerda está pintado de cor preto com os olhos vermelhos. No canto superior esquerdo tem-se um desenho do sol amarelo. No canto superior direito tem-se um arco-íris nas cores azul, amarelo e vermelho. Na parte inferior têm-se 22 lápis com cores diferentes, um ao lado do outro. Acima dos lápis têm-se duas flores rosa claro e duas borboletas da mesma cor.

Papel branco, fita crepe, um pedaço de papelão, tintas, criatividade, liberdade para a imaginação e acessibilidade para que toda a turma consiga participar da aula de Arte. Na Figura 3 observamos dois bonecos de dedo confeccionados por um estudante

com deficiência intelectual moderada. Nesse momento, a turma pode acompanhar um vídeo de um artista que participou do 18º FIL (Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens: FIL 2021), Tekimoi – Homenagem a Jean Luc Ronget² (2021) –, onde o artista contava uma história com um boneco de dedo igual aquele confeccionado pelo estudante. Todos ficaram encantados com o vídeo e com a possibilidade de animar um boneco apenas com um dos dedos da mão.

Diante do exposto, o Teatro de Bonecos pode sim ser utilizado na escola como possibilidade para que a aula de Arte se torne acessível a todos. É sabido que grande parte dos estudantes permanecem todos os dias no ambiente escolar por pelo menos cinco horas, perfazendo um total de 24 horas semanais. Depois de um tempo, a escola se transforma em uma extensão da casa ou o segundo lar do aluno – sentimento que não se dá obviamente em todos os estudantes, mas em vários. E se sentir “em casa” pode deixar os discentes mais receptivos às propostas metodológicas dos docentes.

Ao mesmo tempo em que a sensação de pertencimento ocorre, sobretudo, nos estudantes com deficiência, a interação com os colegas tende a aumentar. Tal diálogo pode ser intensificado com a utilização do Teatro de Bonecos. Isso acontece porque o boneco tem boa aceitação dentro da escola. Ainda existem aqueles que rotulam o Teatro de Bonecos como uma arte artisticamente inferior ou como uma simples “ferramenta” dentro de uma metodologia. Sobre a questão, Sitchin (2018, p. 104. Grifos nossos) assim evidencia a potencialidade do Teatro de Bonecos na escola:

Bonecos são poderosos. **Nascem brinquedos**, naturalmente aceitos pela criança como integrantes de seu universo. Acrescidos da alma que nós, bonequeiros, lhe emprestamos, podem ganhar conteúdos que fortalecem, em níveis mais altos e estimulantes a imaginação das crianças. E que podem apresentar a elas as questões do seu ser e do seu tempo, com respeito, riqueza criativa e sem didatismos e moralismos (grifo meu).

Sem dúvida, o “nascido brinquedo”, apontado pelo autor, tem relação com o ato de brincar, de se divertir, de animar um boneco. E uma das ideias que o Teatro de

² Link para o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=sFnd02LWe-A&t=35s&ab_channel=FILFestival

Bonecos pode ofertar aos estudantes com deficiência é o momento de diversão, de aprender via brincadeira, do faz de conta e da contação de história.

Por meio da diversão o processo de acessibilidade pode ocorrer com mais tranquilidade, mais caminhos e direções – ainda não vivenciadas pelo estudante –, com uma real significação para cada um. E o mais importante é que o processo pode inserir todos os estudantes de maneira justa, com equidade, e não com igualdade, uma vez que cada ser humano aprende à sua maneira, com suas dificuldades, suas potencialidades e superando suas barreiras.

Figura 4 – Confecção de bonecos de dedo em aula com estudantes do Centro de Ensino Fundamental101 do Recanto das Emas, Distrito Federal, agosto de 2021 – autoria própria.



Descrição: a imagem apresenta um fundo de cor cinza. No centro tem-se uma estudante com deficiência segurando um boneco de dedo branco em seu dedo indicador. No canto superior esquerdo tem-se um desenho do sol amarelo. No canto superior direito tem-se um arco-íris nas cores azul, amarelo e vermelho. Na parte inferior têm-se 22 lápis com cores diferentes, um ao lado do outro. Acima dos lápis têm-se duas flores rosa claro e duas borboletas da mesma cor.

A Figura 4 apresenta a estudante Raissa – pessoa com deficiência, mas que sempre se mostrou aberta e disposta a aprender nas aulas de Arte – e seu boneco de dedo – confeccionado, pintado e colado pela mesma, com detalhes que ela desejou

colocar. Tem-se aí um exemplo de que a acessibilidade na aula de Arte pode ocorrer com uma real significação.

Diante do exposto, é possível questionar: o que o boneco em questão significa para aquela estudante? Somente ela sabe. O grau de comprometimento cognitivo que sua deficiência apresenta é muito elevado, mas a alegria por ela demonstrada na confecção dos bonecos, nos momentos de acabamento e em possíveis apresentações para a turma foi incrível.

Ainda sobre estudante, diariamente não é possível propor uma avaliação convencional – com questões objetivas e subjetivas –, uma vez que ela não consegue realizar esse tipo de atividade. Porém, com o Teatro de Bonecos foi possível avaliar sua criatividade, sua psicomotricidade, sua interação com os colegas, sua interação com os bonecos e, sobretudo, seu desempenho artístico a partir de tudo o que ela tentou mostrar.

Durante as aulas de Arte que se deram no período agosto-dezembro de 2021, Raissa se esforçou ao máximo para não faltar nenhum dia. Cada proposta de confecção de um boneco diferente lhe despertava um olhar de curiosidade e o desejo de brincar um pouco mais com o boneco, de criar uma história, de interpretar para a turma.

Figura 5 – Confecção de bonecos de dedo, em aula com estudantes do Centro de Ensino Fundamental101 do Recanto das Emas, Distrito Federal, outubro de 2021 – autoria própria.



Descrição: a imagem apresenta um fundo de cor cinza. No centro tem-se uma estudante com deficiência segurando um boneco de figura. No canto superior esquerdo tem-se um desenho do sol amarelo. No canto superior direito tem-se um arco-íris nas cores azul, amarelo e vermelho. Na parte inferior têm-se 22 lápis com cores diferentes, um ao lado do outro. Acima dos lápis têm-se duas flores rosa claro e duas borboletas da mesma cor.

O Teatro de Bonecos pode proporcionar um vasto caminho com diversas possibilidades de criação artística, como, por exemplo, o boneco de figuras. O percurso para a acessibilidade com o Teatro de Boneco vai além da linguagem do Teatro. Ele dialoga, por exemplo, com as Artes Visuais. A Figura 5 nos mostra um boneco confeccionado a partir do desenho de uma personagem – processo de confecção que envolve o ato de desenhar a personagem, frente e verso, pintar e recortar o desenho, colar as duas partes em palito de picolé e brincar com o boneco de figuras. A principal regra adotada em tal ação surgiu a partir do seguinte questionamento da estudante: “Professor, aqui tudo é possível?”. Minha resposta foi automática: “Sim. Aqui tudo é possível! Não existe limite para a criatividade de vocês. Explore suas imaginações. Materializem tudo nos bonecos que vocês quiserem fazer” – e fizeram.

Considerações acessíveis

Pensar em caminhos para que a acessibilidade chegue à escola, de fato, não é uma solução simples. Buscar reflexões metodológicas para que a experiência do estudante com deficiência se dê com o máximo de aproveitamento, por parte dele, é algo que exige mudanças. E a primeira mudança para que a escola ofereça uma educação com acessibilidade é se colocar no lugar do outro e questionar: o modo como estou conduzindo a aula inclui ou exclui a pessoa com deficiência?

Um dos objetivos do Teatro de Bonecos como acessibilidade no ensino de Arte para pessoas com deficiência, sem dúvida, é a experiência lúdica que o boneco proporciona. Dificilmente associa-se o ato de brincar com o ato de aprender – vivências que podem ser atreladas metodologicamente se forem bem planejadas e estruturadas. E isso pode ocorrer com a utilização do Teatro de Bonecos.

O processo de confecção de diferentes tipos de bonecos desperta e/ou amplia em cada estudante com deficiência o seu próprio processo criativo. É importante ter em mente que o grau de comprometimento cognitivo, físico ou ambos, ao mesmo tempo, pode ser um dificultador – o que não significa que será impossível. Existe uma diferença entre as dificuldades que serão enfrentadas ao longo do processo de ensino e aprendizagem com o pensamento de que é impossível para um estudante com deficiência participar das aulas. Para que a acessibilidade alcance a todos dentro do ambiente escolar, faz-se importante um debate sobre as dimensões descritas por Sasaki (2005) – arquitetônica comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal –, que oferecem parâmetros iniciais para que a mudança ocorra dentro e fora dos muros da escola.

Diante do exposto, um ponto importante na presente pesquisa é a acessibilidade dentro da aula de Arte. O estudante com deficiência pode se sentir parte de um processo quando ele é colocado como ser ativo no seu caminho em busca da aprendizagem. Nesse sentido, quando se observa a Figura 6, *a priori*, enxergam-se meias e tampinhas de refrigerante – objetos inicialmente colocados à disposição dos estudantes. O resultado de cada processo criativo foi um boneco de luva.

Figura 6 – Confecção de bonecos de luva em aula com estudantes do Centro de Ensino Fundamental101 do Recanto das Emas, dezembro de 2021 – autoria própria.



Descrição: a imagem apresenta um fundo de cor cinza. No centro tem-se uma imagem de três bonecos de luva confeccionados com meia, sendo, à direita, um boneco de meia preta; no centro, um boneco de meia branca; e, à esquerda, um boneco de meia preta. No canto superior esquerdo tem-se um desenho do sol amarelo. No canto superior direito tem-se um arco-íris nas cores azul, amarelo e vermelho. Na parte inferior têm-se 22 lápis com cores diferentes, um ao lado do outro. Acima dos lápis têm-se duas flores rosa claro e duas borboletas da mesma cor.

Buscar a implementação de uma educação acessível a todos é algo que demanda tempo, estudo, reflexão, mudanças metodológicas e, sobretudo, olhar para o estudante com deficiência, sem deixar a deficiência vir primeiro do que o ser humano. A deficiência está ali e, na maioria dos casos, estará pela vida toda; assim como o ser humano também estará ali. A questão a se pensar é como o professor de Arte, ou de qualquer outro componente curricular, pode ofertar experiências acessíveis dentro de sala de aula para que todos sejam participantes dela?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC; SEE, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: arte**. Brasília: MEC; SEF, 1998.

CALDAS, Felipe Rodrigo; HOLZER, Denise Cristina; POPI, Janice Aparecida. A Interdisciplinaridade em Arte: algumas considerações. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 160-171, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/9839/7561>. Acesso em: 05 jul. 2022.

CARVALHO, Maria Aparecida Alves Sobreira; DURAND, Valmiza da Costa Rodrigues; MELO, Patrícia Diógenes de. A acessibilidade na escola como direito à educação: o que falam os estudos empíricos nacionais? **Revista Principia: Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, João Pessoa, n. 29, p. 61-68, jun. 2016.

FIL 2021 – Tekimoi – Homenagem a Jean Luc Ronget. Rio de Janeiro: [s. n.], 2021. 1 vídeo (16m53s). Publicado pelo canal FIL Festival. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sFnd02LWe-A&t=35s>. Acesso em: 18 mar. 2022.

PINHEIRO, Marília Navegante; MARQUES, Mayara Caroline da Costa. Acessibilizar é se afetar para acolher e sensibilizar: relato de experiência no Grupo de Estudo em Acessibilidade Cultural. In: PAULA, Emerson de; FONSECA, José Flávio Gonçalves da (orgs.). **Acessibilidade cultural no Amapá**. São Paulo: e-Manuscrito, 2021. p. 127-138.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: o paradigma do século 21. **Inclusão – Revista da Educação Especial**, v. 1, n. 1, p. 19-23, out. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SITCHIN, Henrique. Por que fazer Teatro de Animação para Crianças? Problemáticas, desafios e apontamentos. In: **Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 95-111, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034702182017095/7686>. Acesso em: 18 mar. 2022.

Recebido em: 27/07/2022

Aceito em: 11/11/2022.